

Juan Gabriel Vásquez

HISTÓRIA SECRETA
DE COSTAGUANA

Tradução de HELOISA JAHN



*Para Martina e Carlota,
que chegaram com seu livro debaixo do braço.*

Quero falar-lhe da obra que me ocupa atualmente.
Quase não me atrevo a confessar minha ousadia,
mas a ação transcorre na América do Sul, em uma
república que denominei Costaguana.

JOSEPH CONRAD

Carta a Robert Cunninghame-Graham

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE.....	11
I. Sapos de barriga para cima, chineses e guerras civis	13
II. As revelações de Antonia de Narváez	39
III. Joseph Conrad pede socorro	65
SEGUNDA PARTE.....	89
IV. As misteriosas leis da refração	91
V. Sarah Bernhardt e a Maldição Francesa.....	118
VI. Na barriga do elefante.....	144
TERCEIRA PARTE.....	175
VII. Mil cento e vinte e oito dias, ou a vida breve de um tal Anatolio Calderón.....	177
VIII. A lição dos Grandes Acontecimentos	200
IX. As confissões de José Altamirano.....	225
NOTA DO AUTOR.....	261

PRIMEIRA PARTE

Não há Deus em países cujos homens não ajudam a si próprios.

JOSEPH CONRAD
Nostromo

I

SAPOS DE BARRIGA PARA CIMA, CHINESES E GUERRAS CIVIS

Melhor dizer de uma vez: o homem morreu. Não, não basta. Serei mais preciso: o Romancista (assim mesmo, com maiúscula) morreu. Vocês já sabem de quem estou falando. Não é mesmo? Bom, vou tentar de novo: o Grande Romancista da língua inglesa morreu. O Grande Romancista da língua inglesa, polonês de nascimento e marinheiro antes de escritor, que passou de suicida fracassado a clássico vivo, de vulgar contrabandista de armas a Joia da Coroa Britânica, morreu. Senhoras, senhores: Joseph Conrad morreu. Recebo a notícia com familiaridade, como se recebe um velho amigo. E neste momento me dou conta, não sem alguma tristeza, de que passei a vida a esperá-la.

Começo a escrever com todos os jornais de Londres (suas letras microscópicas, suas colunas desordenadas e estreitas) abertos sobre o couro verde de minha escrivadinha. Por intermédio da imprensa, que desempenhou papéis tão diferentes ao longo da minha vida – às vezes ameaçando destruí-la e às vezes conferindo-lhe o escasso brilho que tem –, fico sabendo do infarto e de suas circunstâncias: a visita da enfermeira Vinten, o grito que se ouve do andar de baixo, o corpo que tomba da cadeira de leitura. Por intermédio do jornalismo oportunista assisto ao enterro em Canterbury; por intermédio das impertinências dos repórteres vejo quando baixam o corpo e posicionam a lápide, aquela lápide eivada de erros (um *ka* fora do lugar, uma vogal trocada num dos nomes). Hoje, 7 de agosto de 1924, enquanto na minha distante Colômbia são celebrados os cento e cinco anos da batalha de Boyacá, aqui na Inglaterra, com pompa e cerimônia, lamenta-se o desaparecimento do Grande Romancista. Enquanto na Colômbia se comemora a vitória dos exércitos independentistas sobre as forças do Império Espanhol, aqui, neste solo deste outro Império, foi enterrado para sempre o homem que me roubou...

Mas não.

Ainda não.

Ainda é cedo.

Cedo para explicar as formas e qualidades desse roubo; cedo para explicar qual foi a mercadoria roubada, quais foram os motivos do ladrão, quais os danos sofridos pela vítima. Já escuto as perguntas a ecoar na plateia: o que um romancista famoso e um pobre colombiano anônimo e expatriado podem ter em comum? Leitores: tenham paciência. Não queiram saber tudo logo no início, não procurem descobrir, não perguntem, que este narrador, como um bom pai de família, irá provendo o necessário à medida que o relato avance... Em outras palavras: deixem tudo comigo. Eu decidirei quando e como conto o que desejo contar, quando escondo, quando revelo, quando me perco nos meandros de minha memória pelo simples prazer de fazê-lo. Hei de falar-lhes aqui de assassinatos inverossímeis e de enforcamentos imprevisíveis, de elegantes declarações de guerra e negligentes acordos de paz, de incêndios e inundações e navios intrigantes e trens conspiradores; mas de alguma forma tudo o que venha a contar-lhes terá a função de explicar e explicar para mim mesmo, ponto por ponto, a sucessão de acontecimentos que provocou o encontro a que minha vida estava predestinada.

Pois a coisa é esta: o desagradável tema do destino tem sua cota de responsabilidade nisto tudo. Conrad e eu, que nascemos separados por incontáveis meridianos, com vidas assinaladas pela diferença de hemisférios, tínhamos um futuro comum que teria ficado evidente desde o primeiro instante até para o mais cético dos homens. Quando isso acontece, quando dois homens nascidos em lugares afastados estão destinados a cruzar um com o outro, é possível confeccionar um mapa *a posteriori*. A maioria das vezes o encontro é um só: Francisco Ferdinando cruza com Gavrilo Princip em Sarajevo e morrem a tiros ele, a esposa, o século XIX e todas as certezas europeias; o general Uribe Uribe cruza com dois camponeses, Galarza e Carvajal, em Bogotá e pouco depois morre perto da praça de Bolívar com um machado cravado no crânio e o peso de várias guerras civis nas costas. Conrad e eu

cruzamos só uma vez, mas muito antes já estivéramos a ponto de fazê-lo. Vinte e sete anos se passaram entre os dois eventos. O encontro frustrado, o que esteve a ponto de concretizar-se mas não chegou a ocorrer, foi em 1876, na província colombiana de Panamá; o outro encontro – o verdadeiro, o fatídico – aconteceu no fim de novembro de 1903. E aconteceu aqui: na babélica, imperial e decadente cidade de Londres. Aqui, na cidade onde escrevo e onde previsivelmente me espera a morte, a cidade dos céus cinzentos e do cheiro de carvão à qual cheguei por razões cuja explicação não é fácil, mas é obrigatória.

Vim para Londres, como veio tanta gente de tantos lugares, fugindo da história que me coube, ou, melhor dizendo, da história do país que me coube. Em outras palavras: vim para Londres porque a história de meu país havia me expulsado. E, ainda em outras palavras: vim para Londres porque aqui a história cessara havia tempos: já não acontecia nada nestas terras, tudo já fora reinventado e feito, já haviam tido todas as ideias, já haviam surgido todos os impérios, todas as guerras haviam sido lutadas, e eu estaria para sempre a salvo dos desastres que os Grandes Momentos podem imprimir nas Vidas Pequenas. Vir, assim, foi um ato de legítima defesa; o tribunal que me julgue deverá ter isso em mente.

Pois que também eu serei acusado neste livro, também eu me sentarei no consabido banco, apesar de que o paciente leitor será obrigado a percorrer várias páginas para ficar sabendo do que me acuso. Eu, que vim fugindo da Grande História, recuo agora um século inteiro para ir até o fundo da minha história pequena, e tentarei investigar nas raízes de minha desgraça. No decorrer daquela noite, a noite de nosso encontro, Conrad me ouviu contar esta história; e agora, queridos leitores – leitores que me julgarão, Leitores do Júri –, chegou a vez de vocês. Pois que o sucesso de meu relato se apoia neste pressuposto: tudo o que Conrad ficou sabendo, vocês também haverão de saber.

(Mas há outra pessoa... Eloísa, também você tomará conhecimento destas memórias, destas confissões. Também você

haverá de emitir, no momento oportuno, sua própria absolvição ou sua própria condenação.)

Minha história tem início em fevereiro de 1820, cinco meses depois da entrada vitoriosa de Simón Bolívar na capital de meu país recém-libertado. Toda história tem um pai, e esta começa com o nascimento do meu: don Miguel Felipe Rodrigo Lázaro del Niño Jesús Altamirano. Miguel Altamirano, conhecido por seus amigos como o Último Renascentista, nasceu em Santa Fe de Bogotá, cidade esquizofrênica que a partir daqui se chamará indistintamente Santa Fe ou Bogotá e mesmo Aquela Merda de Lugar; enquanto minha avó puxava com força o cabelo da parteira e proferia gritos que afugentavam os escravos, a poucos passos dali era aprovada a lei segundo a qual Bolívar, na qualidade de pai da pátria, escolhia o nome daquele país recém-tirado do forno, e o país ficava solenemente batizado. De modo que a República da Colômbia – país esquizofrênico que mais tarde se chamará Nova Granada ou Estados Unidos da Colômbia e mesmo Aquela Merda de Lugar – era uma criança de colo, e os cadáveres dos espanhóis fuzilados ainda estavam frescos; mas não há fato histórico que marque ou assinale o nascimento de meu pai além da cerimônia supérflua daquele batismo. É verdade, confesso: tive a tentação de fazê-lo coincidir com a Independência, bastava deslocá-lo alguns meses no tempo. (E agora não deixo de perguntar-me: quem teria se incomodado com isso? Mais ainda: quem teria percebido?) Faço essa confissão e espero que os senhores não percam a confiança em mim. Leitores do Júri: sei que tenho tendência a ser revisionista e mitógrafo, sei que às vezes posso tresmalhar-me; mas em pouco tempo volto ao aprisco narrativo, às difíceis regras da exatidão e da veracidade.

Meu pai era – já falei – o Último Renascentista. Não posso dizer que tivesse sangue azul, porque essa tonalidade já não tinha vigência na nova República, mas o que corria em suas veias tinha uma cor magenta, digamos, ou quem sabe púrpura. Seu tutor, um homem frágil e doentio que fora educado em Madri, educava meu pai, por sua vez, com o *Quixote* e Garcilaso; mas o jovem

Altamirano, que aos doze anos já era um rebelde consumado (além de péssimo crítico literário), fez o possível para se contrapor à literatura dos *chape-tones*,* à *Voz da Ocupação*, e acabou conseguindo. Aprendeu inglês para ler Thomas Malory, e um de seus primeiros poemas publicados, um artefato hiper-romântico e piegas que comparava Lord Byron com Simón Bolívar, saiu assinado por Lanzarote del Lago. Meu pai ficou sabendo mais tarde que Byron realmente quisera vir lutar ao lado de Bolívar e que só por acaso fora parar na Grécia; e o que dali em diante sentiu pelos românticos, tanto os ingleses como os de todos os outros lugares, foi substituindo pouco a pouco as devoções e lealdades que seus antepassados lhe haviam deixado como herança.

O que, aliás, não foi difícil, porque aos vinte anos o Byron Crioulo já era órfão. Sua mãe fora assassinada pela varíola; seu pai (de forma muito mais elegante), pelo cristianismo. Meu avô, coronel de prestígio que combatera os dragões de vários regimentos espanhóis, servia nas províncias do Sul quando o Governo progressista decretou o fechamento de quatro conventos, e viu os primeiros motins que defendiam a religião a golpes de baioneta. Uma dessas baionetas católicas, apostólicas e romanas, uma dessas pontas de aço comprometidas com a cruzada pela fé, trespassou-o meses depois; a notícia de sua morte chegou a Bogotá no mesmo momento em que a cidade se preparava para repelir o ataque daqueles revolucionários cristícolos. Mas Bogotá ou Santa Fe estava, como o resto do país, dividida, e meu pai sempre se lembraria disso: pela janela da universidade via os santa-feenses levarem em procissão um cristo vestido com farda de general, ouvia os gritos de morte aos judeus e se maravilhava com o fato de que se referissem a seu pai trespassado, e em seguida voltava à rotina das aulas, para observar um companheiro trespassar com algum instrumento pontiagudo e aguçado os cadáveres recém-chegados dos combates. Porque nada, naquela época, absolutamente nada, era mais agradável ao Byron Crioulo do que ser testemunha em primeira mão dos progressos fascinantes da medicina.

* Europeus ou espanhóis recém-chegados à América. (N.T.)